

Deus é a nossa
mulher-a-dias.
Adília Lopes

PARA O NÉLIO PAULO

de noite, a maria da graça sonhava que às portas do céu se vendiam souvenirs da vida na terra. gente de palavras garbadas que chamava a sua atenção com os braços no ar, como quem tinha peixe fresco, juntava-se em redor da sua alma e despachava por bagatelas as coisas mais passíveis de suprir uma grande falta aos que morriam. os últimos charlatães, pensava ela, envergonhada até por ter de pensar depois de morta, ou que talvez fosse coisa boa antes de se entrar no céu ser dada a oportunidade de levar um objecto, uma imagem materializada, algo como prova de uma vida anterior ou extrema saudade. ela pedia-lhes que a deixassem passar, ia à pressa, insistia, sabia mal o que fazer e não podia decidir nada sobre nada. seguia perplexa e não querendo arriscar a ganância de se depositar na eternidade a partir de um acto de posse. por uma compreensível angústia, ansiedade ou frenesi de ali estar tão pela primeira vez, mantinha a esperança de que talvez são pedro a esclarecesse e, com um pé lá dentro e outro ainda fora, lhe fosse possível comprar o requiem de mozart, a reprodução dos frescos de goya ou a edição francesa das raparigas em flor.

as portas do céu eram pequenas, ao contrário do que poderia esperar. precisaria de se baixar consideravelmente para passar e, na multidão de quem queria ser atendido, era dramática a confusão, gerando violência e uma nuvem de pó que se levantava com muita frequência. a maria da graça ainda escapava aos vendedores e já tentava perceber de que lado da praça devia arriscar a sua aproximação à porta. não era fácil fazer o caminho daqueles cem metros sem levar um encontrão ou, pior, ser confundida com um dos arruaceiros e, por isso, obrigada a permanecer ali fora a enraivecer eternamente.

não ficavam ali eternamente, pensava depois, haveriam de seguir para o inferno, levados pelas orelhas como mal-comportados. Talvez passasse por ali uma carrinha fechada que os apanhasse como se fazia aos cães vadios. uns homens saíam em busca de quem estivesse naquele impasse e atacariam com redes grandes que lhes tolheriam os gestos. a praça ficaria limpa por um tempo.

a maria da graça encostava-se o mais que podia às pa-

redes e lá fazia o seu percurso, convicta de que, tendo morrido de tão horrenda sorte, seria digna de todos os perdões e admitida no céu. assim se apresentou, maria da graça, fui empregada de limpeza, sim, mulher-a-dias, como se fosse mulher só de vez em quando, em alguns dias. e o são pedro perguntava-lhe, o que é que isso quer dizer. e ela respondia, matou-me o senhor ferreira, que há muito me andava a fazer mal e eu até já o via a acontecer. o são Pedro inclinava-se, cabeça para trás e barriga para a frente, e ria-se, dizia, ó minha senhora, isso agora não tem valor, os mortos são todos iguais, não têm profissão e não lhes vale de nada o que aprenderam a fazer, ou parece-lhe que aqui existem quartos para limpar. a Maria da graça insistia, mas morri sem vontade, foi o velho, por mim estava ainda a ganhar a vida, que não sou mulher de fugir a nada.

o porteiro do céu encarava-a de perto, calando a sua gargalhada e espiando atentamente os olhos da mulher, e que terás feito tu para mereceres isso, perguntava-lhe, como podes esperar o perdão se ficaste ao pé do teu predador quando podias ter fugido. que queria dizer com aquilo. que provocador lhe parecia o são pedro, o estupor. estaria tão informado sobre as iniquidades dela, perguntava-se. que maldade de homem lhe parecia, a fazer da entrada do céu uma coisa difícil. e que mau aspecto tinha aquilo, com as brigas à porta, tão infundáveis e barulhentas. o santo recolhia os lábios como quem se fechava para não mais falar e foi como se pareceu a uma pedra, uma pedra que ao invés de se fazer de força inerte e bela, rolara para o centro da pequena porta como selando um túmulo. que terrível a entrada do céu se era em tudo parecida com a da morte. ir para o céu, pensava a maria da graça, é morrer. deixava-se estupefacta



O APOCALIPSE
DOS TRABALHADORES
valter hugo mãe
QUIDNOVI

| O LIVRO |

Este é um livro sobre a busca de felicidade, num país que nos é facilmente reconhecível: o nosso. Portugal num retrato conturbado, através de duas mulheres-a-dias, um reformado e um jovem ucraniano que reflectem sobre os caminhos sinuosos do engenho e da vontade humana num cenário com uma crescente imigração e uma interpretação sobre como isso parece perturbar a sociedade. A escrita entrelaçada de valter hugo mãe ressoa na nossa cabeça como um eco da consciência e de uma observação crua, depurada, sem camadas de verniz literário, mas elaborada de forma escultural.

com tal ideia como se, por natureza, uma coisa não pudesse significar a outra. acordava suada, o coração a bater doído no peito e a boca sibilando aflita dizendo, não sou mulher de fugir a nada, eu não sou mulher de fugir a nada.

maldito senhor ferreira, resmungava ela depois. em meia hora havia de estar à porta do seu prédio, a pedir ao administrador do condomínio licença para entrar e a chegar ao quinto andar pelas escadas, carregando os tapetes lavados no dia anterior. maria da graça, dizia-lhe o maldito, é melhor que leve os tapetes para lavar em casa. precisam de muito sol para secarem e aqui é esta escuridão que se vê. e ela pensava, que não se vê, que aqui não se vê nada, e eu havia era de lhe dizer das boas pelo mal que me faz. mas calou-se, não sorriu, respondeu, sim, senhor ferreira, posso levá-los. e depois talvez abra as portadas para que ele percebesse a generosidade daquela casa e o quanto a usava pelo lado contrário do esperado.

pelo caminho, seguia revoltada ao ocorrerem-lhe referências tão eruditas no sonho que repetia vezes sem conta. revoltava-se por se render tão imediatamente àquelas conversas que seriam só para a impressionar e rebaixar. este é um livro sobre o trabalho de goya, dizia-lhe o homem, um génio, veja. são coisas como já não há e nem deus havia de estar consciente da maravilha que vinha ao mundo quando este homem nasceu. sabe, maria da graça, há homens que surpreendem o criador, tenho a certeza. inchava todo para trás na sua poltrona de pele velha e parecia querer dizer que

era brilhante por concluir tal coisa, como se pudesse também surpreender deus e regozijar-se por isso. ela respondia, certamente, senhor ferreira. ele levantava-se, punha-lhe as mãos nos ombros, inclinava-se um pouco à altura dela e beijava-a. não é que esteja certo, dizia ele, não estará com certeza, mas ambos sabemos o nosso lugar e é dessa forma que a sociedade se estrutura, é essa consciência que faz com que não se desmorone. a maria da graça trouxe cor a esta casa, eu já lhe disse isso. depois voltava a dobrar-se sobre a mulher e a tapar-lhe a boca com a sua, perscrutando a língua dela como se caçasse bichos ali dentro. o senhor ferreira não devia, ainda ontem aconteceu, e depois tenho pesadelos à noite, interrompia ela. pois eu sonho belissimamente, respondia-lhe ele. ela ajeitava-se nos seus braços e esperava que talvez fossem apenas uns beijos, um abraço mais demorado que servisse para o acalmar e já voltariam cada um ao seu trabalho. e que porcaria malvada sonha você, perguntou-lhe. ora, que fico por aí a pensar, porque estas coisas não se esperam de uma mulher. para um homem, achava, as coisas estavam feitas de modo diferente. os empregos são melhores, as liberdades maiores, e até a consciência distinguia uns de outras. para as mulheres, uma devassidão era já um perigo de grande luxo. se alguém o descobrisse, não arranjaría a maria da graça mais chão para esfregar. o senhor ferreira voltava a sorrir e a investir sobre ela como se mais animado, tão mais divertido quanto excitado. não seja ingénua, maria da graça, se descobrissem o quanto, digamos, gostamos um do outro, haveriam de a cobiçar até lhe porem a mão como eu. se aquilo era honestidade, a maria da graça não sabia. sentia-se como vulgar, com o maldito categoricamente afirmando que lhe punha as mãos pela oportunidade. era como ouvia cada palavra, enquanto uma mão limpava a casa, a outra limpava o ego imperialista do patrão. olhe, senhor ferreira, um destes dias o meu augusto descobre e vem aqui falar-lhe de uns assuntos difíceis. ¶

| O AUTOR |

valter hugo mãe (n.1971) Vencedor do Prémio José Saramago com o romance "o remorso de baltazar serapião"(Quidnovi, 2006). É Licenciado em Direito, com uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Publicou o romance "o nosso reino" (Temas & Debates, 2004). A sua poesia encontra-se reunida no volume folclore íntimo (Edições Cosmorama, 2008). Foi um dos fundadores das Edições Quasi e organizou diversas antologias, como "O Encantador de Palavras, poesia de Manoel de Barros"; "Quem Quer Casar com a Poetisa, poesia de Adília Lopes" ou "Cântico Negro, poesia de José Régio" (em colaboração com Luís Adriano Carlos). Dedicou-se também às artes plásticas, tendo realizado a sua primeira exposição (intitulada "o rosto de gregor samsa", no final de 2006, na Galeria Símbolo (Porto). Gere o blogue Casa de Osso (<http://casadeosso.blogspot.com>).



NÉLIO PALLO